

# O DESAMPARO: DAS IMPOTÊNCIAS DO SUJEITO A UM LUGAR DE POSSIBILIDADES

## THE HELPLESSNESS: FROM THE SUBJECT'S IMPOTENCE TO A PLACE OF POSSIBILITIES

Dúnia Ferreira Maia 1  
Janilton Gabriel de Souza 2  
Alessandro Messias Moreira 3  
Roberto Lopes Mendonça

**Resumo:** Este artigo propõe uma reflexão sobre as vivências de desamparo, visando identificar, a partir das experiências de sofrimento, as frágeis amarras do sujeito pós-moderno frente às demandas do social. O trabalho, de cunho bibliográfico, percorre a noção de desamparo em Freud, pela investigação rigorosa de seus escritos e seleção de alguns importantes textos, passando também discussões teóricas formuladas sobre o tema. Parte-se da etimologia do termo desamparo no alemão *Hilflosigkeit*, com elaborações sobre as vivências de satisfação, medo, perda do amor, culpa e mal-estar, formuladas por Freud em sua obra. Demonstra-se que, apesar de persistirem na pós-modernidade arranjos discursivos que sustentam um amparo imaginário, o desamparo, na qualidade de elemento constitutivo do sujeito, aponta para o limite e a possibilidade de edificação do laço social, enquanto lugar possível de cuidado, num mundo onde não há, nem nunca houve, quaisquer garantias.

**Palavras-chave:** Desamparo. Sofrimento. Mal-estar. Castração. Cuidado.

**Abstract:** This paper proposes a reflection on the helplessness's experiences, aiming to identify, from the experiences of suffering, the fragile ties of the post-modern subject in the face of social demands. The article has a bibliographical nature, covering Freud's helplessness notion through a rigorous investigation of his writings, a collection of some important texts, and theoretical discussions formulated on the subject. It combines the etymology of the term helplessness in German (*Hilflosigkeit*), with amplification on the experiences of satisfaction, fear, loss of love, guilt, and discomfort, expressed by Freud in his work. It is shown that, despite the persistence of discursive arrangements in post-modernity that sustain imaginary support, helplessness, as a constitutive element, points to the limit and the possibility of building the social bond, as a possible place of care, in a world where there has never had any guarantees.

**Keywords:** Helplessness. Suffering. Malaise. Limit. Caution.

- 1 Graduada de Psicologia (UNIS). Graduada em Direito (FADIVA). Atua profissionalmente como servidora pública do TJMG. Membro do Interfaces em Psicanálise - Núcleo de Pesquisas e Estudos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9607336444335263>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1469-3616>. E-mail: [dunia.aia@alunos.unis.edu.br](mailto:dunia.aia@alunos.unis.edu.br).
- 2 Graduado em Psicologia (UNIFENAS). Mestrado em Psicologia (UFSJ). Professor do Grupo Unis-MG e Coordenador da Pós em Psicanálise do Unis-MG e do Interfaces em Psicanálise – Núcleo de Pesquisas e Estudos. Colabora no Instituto Internacional de Psicanálise (IIP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1126366899756942>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3965-0564>. E-mail: [janilton.gabriel@unis.edu.br](mailto:janilton.gabriel@unis.edu.br).
- 3 Graduado em Psicologia (UNIFENAS). Doutor em Educação (UNIMEP). Professor do Grupo Unis-MG no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão e Desenvolvimento Regional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5303526458310366>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8120-6219>. E-mail: [alessandromoreira@unis.edu.br](mailto:alessandromoreira@unis.edu.br).
- 4 Graduado em Psicologia (UEMG) e em Filosofia (UFLA). Doutor em Psicologia (UFMG). Pós doutor em Psicologia Clínica (USP). Professor da Pós em Psicanálise do Unis-MG e Psicanálise e Saúde Mental da Faculdade Pitágoras (Divinópolis). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9753508439908716>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6042-7546>. E-mail: [roberto.mendonca@professor.unis.edu.br](mailto:roberto.mendonca@professor.unis.edu.br).

## Introdução

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a vivência de desamparo, intrínseca à condição humana, com a qual os indivíduos não de se deparar em vários momentos da vida, experimentando, muitas vezes, intenso sofrimento. Sofrimento este, que revela o mal-estar citado por Freud (1930[1929]/2020), presente no convívio social como marca inevitável da existência.

Pensar a inevitabilidade do mal-estar decorrente da renúncia às pulsões, que permite a inscrição no laço social, é fundamental para compreender a relação de codependência entre os indivíduos numa dimensão mais ampliada, dimensão de desamparo, condição indelével do existir. Assim, caberá percorrer parte da obra freudiana, em busca da construção da noção psicanalítica de desamparo, como também trazer à tona as discussões teóricas e elaborações de alguns outros autores sobre tão importante temática.

Além de um convite à reflexão, este estudo de revisão bibliográfica almeja analisar qual o lugar do desamparo na vida humana, enquanto marco do limite e espaço de possibilidade, revelando-se como motivação primordial para o enlaçamento entre os indivíduos e o estabelecimento das relações sociais. Vale ressaltar, a construção do presente trabalho, elaborado durante a pandemia de COVID-19, permitiu observar que o desamparo constitutivo do sujeito desponta de modo a também exigir deslocamentos capazes de situá-lo frente a mais esta contingência.

## O sofrimento em ‘tempos críticos’ de desamparo

As experiências de sofrimento, potencializadas em momentos críticos, convocam o sujeito a perceber-se num lugar desconfortável, onde a insegurança e a ausência de previsibilidade balançam sua estrutura, colocando em questão todas as amarrações que o sustentavam até ali (DUNKER, 2015).

É assim em grandes tragédias como as guerras, situações de desastres naturais, pandemias e até mesmo em perdas individuais significativas, momentos nos quais os contornos traçados para a vida revelam-se provisórios, quando não ilusórios. Experiências que podem provocar, em quem as vivencia, um profundo afeto de angústia, enquanto resposta pela ausência de garantias (FREUD, 1930[1929]/2020).

Durante o período de pandemia do vírus Covid-19, foi possível observar como muitas pessoas, num dado contexto e lugar, perceberam-se invadidas pelo sentimento de vulnerabilidade, trazendo à tona questões essenciais sobre as impotências do sujeito. Cada um tem experimentado novamente, revivendo a seu modo, o sofrimento de seu desamparo constituidor, conforme bem descrito por Freud em sua vasta obra, que será vista em parte, mais adiante.

Segundo Birman (2021), os efeitos desta pandemia equiparam-se às catástrofes promovidas pelas duas grandes guerras mundiais, produzindo a desconstrução dos modos de vida sociais e impactando de forma traumática as existências singulares dos sujeitos. Na lição do autor, tais efeitos “implicaram a emergência histórica de um limite ostensivo e flagrante na onipotência humana de se acreditar no Deus secularizado” (BIRMAN, 2021, p. 65). O ser humano, mais uma vez, foi deslocado de sua pretensão de domínio absoluto do mundo e jogado, uma vez mais, em sua posição inicial de desamparo frente ao desconhecido.

A vivência de desamparo, em toda e qualquer situação de sofrimento, sinaliza as bases instáveis a partir das quais a experiência humana inicia-se. Através dela, adquire-se uma forma de saber que só pelo sofrimento faz-se possível (ROCHA, 1999). Dunker (2015, p. 219) descreve que “todo sofrimento contém uma demanda de reconhecimento”, nesse sentido, é preciso reconhecer a fragilidade integrada à própria existência, a fim de que o sujeito não seja engolido pelas experiências de sofrimento.

De um lado, o sofrimento parece decorrer de certa inadequação, em que o sujeito vê-se deslocado dos modos de ser aos quais não consegue corresponder, sentindo-se frágil e impotente, sem condições de fazer amarrações duradouras, decorrentes das demandas do social. É a atualização do estado inicial em que se chega a esse mundo, sem quaisquer condições próprias de sobrevivência, quando o ser é amparado por um outro, com os cuidados necessários em face à

precariedade de sua estrutura física e psíquica (FREUD, 1950[1895]/1996).

Numa outra perspectiva, e já espelhando as vivências de um mundo pós-moderno, sentido por muitos em sua experiência temporal como um mundo em crise, o sofrimento afigura-se na própria fragilidade das instituições e do laço simbólico, que revelam ausência de solidez e estabilidade (MINERBO, 2013). Embora as transformações sociais sejam inerentes ao passar do tempo, por isso mesmo dotadas de historicidade, ao sujeito só é possível apreender as crises do seu tempo.

A crise deste tempo apresenta-se na mudança de eixo das identidades, de vertical para horizontal, conforme descreve Forbes (2012, p. 176), que se refere ao homem pós-moderno como um ser “desbussolado”. Diferente dos outros animais que nasceram com um determinismo biológico capaz de orientar a espécie com segurança inquebrantável, o homem constitui-se, enquanto ser inventivo, capaz de criar constantemente novos modos de vida, seja modificando seu corpo ou mesmo o ambiente em que vive. O autor descreve a mudança operada no laço social, que deixa de ser linear, rígido e verticalizado, passando a um molde flexível, criativo, múltiplo e em forma de redes horizontalizadas, apontando como marco para essa mudança o surgimento da web, na década de 90 (FORBES, 2019).

Logo, de onde poderia se esperar respostas prontas, o que se tem é liquidez (BAUMAN, 2001) e incerteza. A vantagem, neste caso, consiste na possibilidade de reinvenção de novos modos de vida pelos sujeitos, de modo a contemplar a singularidade do desejo (MINERBO, 2013).

Ao que se nota, o sofrimento perpassa não só a experiência de renúncia às pulsões, mas principalmente a percepção de que este mundo é instável, ou seja, um lugar sem quaisquer garantias. Assim, nenhum esforço será suficiente para que o sujeito se sinta seguro e amparado, pois o sofrimento atravessa a experiência humana enquanto jornada transitória e dinâmica.

Foi o reconhecimento dessa ausência de garantias que possivelmente motivou o homem a edificar sua civilização, numa tentativa de lidar com as forças da natureza, com os enigmas da vida e, sobretudo, com a própria morte, conforme assinalou Freud (1930[1929]/2020), em seu *Mal-estar na cultura*. Tudo isso para constatar que sofrer mostra-se inevitável, em virtude da vida ser permeável aos acontecimentos, motivo pelo qual há que edificar, senão uma civilização livre de inseguranças e retrocessos, ao menos um lugar possível de cuidado. A fim de melhor elaborar a temática, importa percorrer a noção de desamparo em Freud.

## A noção de desamparo em Freud

No alemão, o termo “desamparo” é expresso pela palavra *Hilflosigkeit*, uma palavra muito significativa, nos dizeres de Rocha (1999), que elucida sua composição pelo substantivo *Hilfe* (“auxílio, ajuda, proteção, amparo”), mais o sufixo adverbial modal *losig* (“carência, ausência, falta de”), e ainda pela terminação *keit* (que indica substantivos do gênero feminino). Segundo ele, “a palavra *Hilflosigkeit* significa, portanto, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda - *hiflos* - sem recursos, sem proteção, sem amparo” (p. 334). Assim, fez-se ressoar o sentido concreto do termo alemão *Hilflosigkeit*, qual seja, “estar em uma condição sem ajuda possível” (SAFATLE, 2015, p. 52). Trata-se, pois, de formulações que revelam a precariedade do indivíduo ao nascer, sem condição alguma de sobreviver por si mesmo, a não ser pelo cuidado de um outro.

A vivência do desamparo dá-se acompanhada do sentimento de angústia, constituindo-se enquanto elemento estruturante da subjetividade e marca indelével da condição humana (ROCHA, 1999). Não há, portanto, como escapar ao desamparo fundamental que confronta o sujeito com a incompletude, e mais à frente com sua própria castração, operações que o revelarão impotente e barrado, situado em relações de codependência e limitação.

Nesse sentido, importa buscar nos achados de Freud, com o rigor que uma investigação exige, a compreensão, ainda que parcial, do tema do desamparo, bem como o percurso trilhado para edificação desta importante noção psicanalítica. No presente artigo, percorre-se os escritos de Freud, especialmente a partir dos textos: *Projeto para uma psicologia científica (1895)*, *Inibição, sintoma e medo (1926)*, *O futuro de uma ilusão (1927)* e *O mal-estar na cultura (1929)*.

No texto *Projeto para uma psicologia científica*, redigido por Freud em 1895 e publicado

apenas onze anos após sua morte, são apresentadas, de forma intrínseca, noções valiosas sobre conceitos fundamentais da psicanálise, assim como ideias sobre o funcionamento do aparelho psíquico, que integram investigações importantes na atualidade. Destacam-se, neste trabalho, os esboços sobre a operacionalização da memória e o funcionamento neuronal, marcando a tentativa freudiana de inserir a Psicologia na esfera das ciências naturais (RODRIGUES, 2009).

No *Projeto*, Freud (1950[1895]/1996, p. 348) fez referência aos “estímulos endógenos”, ou seja, excitações provenientes do interior do corpo que desestabilizam o sistema *psi*, já apontando, quanto a este aspecto, para a pulsão, localizada aqui como o “impulso que sustenta toda a atividade psíquica” (p. 369).

Mais à frente, a pulsão será definida como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, ou seja, fronteiro, conforme citado no texto *Pulsões e destinos da Pulsão*, no qual são retomadas algumas ideias esboçadas no *Projeto*, a fim de esclarecer ainda mais sobre a relação entre pulsão e estímulos (FREUD, 1915/2004).

Ao discorrer sobre as pulsões, Freud (1915/2004) observou que o excesso de estímulos externos apresentados ao aparelho neuronal produzem mecanismos de fuga, a fim de que o organismo livre-se daquilo que se mostra insuportável. Porém, tratando-se de estímulos internos, endógenos, a fuga não é possível, o que coloca o aparelho psíquico a trabalho, “em consequência de sua relação com o corpo”, sendo a pulsão o “representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique” (p. 148).

Ao tecer articulações sobre a mola pulsional que movimenta os estímulos externos e internos, Freud (1950[1895]/1996, p. 370) descreveu no *Projeto*, a *vivência de satisfação* e suas consequências, através da qual o recém-nascido, ao sentir fome, chora e agita-se como forma de descarregar seu desprazer, em busca daquela que o há de amparar em suas necessidades. Ao oferecer o seio à criança, a mãe a alimenta e faz desaparecer o desprazer, encobrindo, por algum tempo, a sensação de desamparo vivida pelo bebê.

A criança reproduz sua vivência de satisfação a cada vez que busca o seio materno pelo choro, construindo assim um elo entre aquele que sente o desamparo e aquela que o encobre e alivia, ainda que temporariamente. Em razão disso, Freud (1950[1895]/1996) afirmou que “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (p. 370), revelando uma das nuances da obrigação ética do cuidar, pois aquele que cuida assim o faz porque um dia foi cuidado.

Neste texto introdutório, o desamparo ainda não se afigura um termo bem definido, mas já se apresenta como elemento inerente à condição humana, iniciada com a impotência do recém-nascido humano, incapaz de “empreender uma ação coordenada e eficaz” em prol de sua sobrevivência, conforme propuseram Laplanche e Pontalis (2001, p. 112), que traduziram o termo alemão *Hilflosigkeit* como um “estado de desamparo”. Tal incapacidade inaugura a necessidade do outro, que, por sua vez, pode promover o sustento e a proteção tão necessários nessa etapa inicial da vida, aplacando a tensão interna experimentada pelo bebê em sua incompletude.

O desamparo do recém-nascido, incapaz de sobreviver sem alguém para assisti-lo, mostra-se como a origem primordial das relações de cuidado desenvolvidas entre os humanos, que ultrapassam a simples satisfação das necessidades biológicas, incluindo amarrações de afeto, amparo e presença, imprescindíveis à constituição do próprio sujeito. Birman (1999, p. 19) elucida tal aspecto como “a revelação de uma prematuridade do organismo humano, que viria ao mundo incapacitado para a vida”, necessitando de um outro, “de maneira absoluta, como condição *sine qua non* para sua sobrevivência enquanto organismo” (grifos do autor). Nesse sentido, é o outro quem inscreve no recém-nascido o registro da vida, fixando na natureza humana a marca da codependência, que permite o enlaçamento dos sujeitos durante sua existência.

É possível afirmar que os motivos morais constituem-se em respostas a uma demanda que foi reconhecida. No caso do recém-nascido, a fragilidade e incapacidade de sobrevivência sozinho somente ganham relevância para um outro, por se constituírem na sua primeira demanda, enquanto ser humano que passou pela mesma experiência. Todo indivíduo nasce em condição de desamparo, motivo pelo qual se torna capaz de reconhecer o desamparo no outro. Portanto, o que move esse indivíduo, motivando-o primordialmente em direção a outros objetos, é o desamparo, fonte dos motivos morais, segundo Freud (1950[1895]/1996, p. 370).

Nesse contexto, o sujeito está sempre na dependência do outro, desde o seu nascimento, sobretudo porque é esse outro que o constitui como humano, pelos investimentos e pela linguagem (BIRMAN, 1999). Outro, que desde as figuras parentais primitivas, irá estender-se nas demais relações sociais estabelecidas ao longo da vida (OLIVEIRA; RESSTEL; JUSTO, 2014), denotando a importância da construção dos laços sociais como remediação para a condição fundamental de desamparo.

Percorrido parte deste texto que marca a obra freudiana em seu início, o tema do desamparo será delineado, mais à frente, em *Inibição, sintoma e medo* (1926), como motivador de uma angústia primária, remetendo às noções do lugar infantil, herança da relação primeva de dependência e satisfação entre mãe e bebê. Freud estabelece, assim, uma relação entre a angústia, o perigo e o desamparo, afirmando que a angústia surge como uma reação a um estado de perigo, atrelada à vivência de desamparo (FONSECA, 2009).

Importa, aqui, tecer um breve comentário sobre os impasses da tradução quanto a palavra alemã *Angst* – ora transcrita como medo, ora como ansiedade, ou ainda como angústia – a fim de que as dimensões do significado deste termo possam ser melhor compreendidas. Nenhuma tradução dá-se sem perdas e sem interesses, como ressaltam Klein e Herzog (2017, p. 688), que suscitam a hipótese de que Freud, “do ponto de vista nosográfico e terminológico, não distingue angústia de medo” (p. 690), fazendo uso da palavra *Angst* num sentido fenomenológico.

De acordo com as referidas autoras (KLEIN; HERZOG, 2017, p. 688), fazendo referência a Luiz Hanns (1996), “o termo *Angst* é dos mais capciosos no que concerne às possibilidades de tradução”, as quais podem produzir equívocos e perdas de sentidos, de acordo com o contexto. Hanns (1996, p. 62) opta pela palavra medo, por entender que abarca o sentido de temor, receio, pânico e pavor. Já as traduções francesas e espanholas privilegiam a palavra angústia, e Strachey, na versão inglesa, utiliza *anxiety*, traduzida para o português como ansiedade (KLEIN; HERZOG, 2017).

Ainda, segundo Hanns (1996, p. 63), o termo *Angst* deriva da raiz indo-europeia *anǵh-*, que se refere a apertado, apertar, pressionar, amarrar, conferindo sentido de um afeto antecipatório, um fenômeno de caráter intenso que produz sofrimento, como um pavor ou angústia, sensações que podem ser traduzidas nesse contexto como medo, dada a situação de perigo que se afigura enquanto cenário externo ou interno. O autor ressalta que não há bons equivalentes em alemão para as palavras ansiedade ou angústia, sendo que estes termos, bem como a palavra medo, ocasionalmente, são utilizados como termos correspondentes (HANNIS, 1996).

Feita esta breve análise relativa a alguns impasses da tradução, observa-se que no texto *Inibição, sintoma e medo*, Freud (1926/2019) cita a condição de desamparo, relacionando-a ao sentimento de angústia na situação de perigo, que denomina de situação traumática, em razão do estado de impotência do sujeito frente a algum perigo real ou pulsional, que se configura como evento psíquico com o qual não consegue lidar. Freud afirma ainda que “o medo se mostra como produto do desamparo psíquico do lactente, o qual é a contraparte óbvia de seu desamparo biológico” (p. 130).

Ao discorrer sobre o medo, que sinaliza a situação de perigo, Freud (1926/2019) lista o nascimento, a perda do amor do objeto, a castração e a perda do amor do Supereu enquanto situações potencialmente traumáticas. Tais situações apontam para a perda e separação do outro, objeto primevo, fazendo transparecer o deslocamento da angústia infantil decorrente da ausência materna (OLIVEIRA, 2014).

A situação de perigo, descrita por Freud (1926/2019, p. 175), possui um significado único para o sujeito, o qual mede suas capacidades em relação ao evento que o angustia, esteja ele na realidade material ou psíquica, o que faz considerando suas próprias experiências pretéritas. Aqui, não é somente a dimensão exata da realidade que está em jogo, ou seja, se existe ou não um perigo real, mas é a comparação do que o sujeito é capaz de dimensionar em relação aos recursos que consegue reconhecer em si mesmo.

O que faz pensar no desamparo como gerador da angústia, medo ou ansiedade, vez que “a situação de perigo é a situação de desamparo reconhecida, recordada, aguardada”, segundo Freud (1926/2019, p. 176). Diante do poder das excitações com as quais não consegue lidar, o sujeito retorna ao lugar infantil da contingência, quando não possuía recursos para executar uma ação coordenada e eficaz (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Como nada pode fazer frente às exigências

da vida, a criança deseja ser protegida, inclusive “da insatisfação, do aumento da tensão de necessidade” (FREUD, 1926/2019, p. 128). Freud (1926/2019) esclarece que, no trauma, o medo aparece enquanto reação primeira, provocada pelo desamparo, sendo reproduzida em situações futuras nas quais o sujeito se depara com o perigo.

Como interpretado por Neto (2011), a situação primordial de perigo torna-se uma experiência mítica no decorrer da existência, eis que o sujeito atualiza em suas experiências de impotência a primeira constatação de que não se nasce pronto para a vida. Nesse sentido, o desamparo, enquanto elemento constituidor na estruturação do psiquismo, afigura-se como marca originária de uma falta radical não recoberta, impossível de ser solucionada ou dissolvida no decorrer da vida.

Na teoria formulada no texto de 1926, a angústia emerge não só como uma reação à perda, mas também como um sinal iminente diante da situação de perigo, quando há expectativa de um trauma ou a repetição deste, como atualização de uma vivência mais antiga, experiência de desamparo.

Tão presente na experiência humana quanto o lugar do infantil, revela-se a falta de garantias do sujeito impelido à renúncia pulsional, a fim de que o laço social possa ser construído e o mal-estar decorrente do lugar de desamparo seja amenizado, como trabalhou Freud nos textos *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na cultura* (1929).

Em *O futuro de uma ilusão*, de 1927, Freud descreve como o trabalho civilizatório e de humanização do sujeito resulta de seu desamparo primordial, que busca reconstituir no coletivo preservador os cuidados obtidos em suas primeiras demandas de amparo. Nesta etapa teórica dos escritos de Freud, já é possível reconhecer a formulação de uma noção mais precisa do tema do desamparo, referida ao modo de funcionamento do psiquismo e condição sem a qual o sujeito não pode existir, em razão de sua natureza estruturante.

Freud (1927/2020) destaca neste trabalho que a civilização constituiu-se enquanto tentativa de escapar às cruéis e inexoráveis forças da natureza, que exercem sobre a vida humana um poder superior. Afinal, foi pela edificação da cultura e da civilização que o homem pode se organizar em comunidades, com objetivos superiores à própria satisfação, os quais apontam para a necessidade de subsistência em condição de desamparo.

A fim de compreender a noção de desamparo apresentada em *O futuro de uma ilusão*, cabe destacar o argumento de Freud (1927/2020), no sentido de que a religião é uma ilusão sustentada pela necessidade de proteção, em função do desamparo que integra a existência.

O domínio da natureza, no âmbito interno e externo, demonstra a tentativa, inócua, no mais das vezes, de controlar as contingências do destino, sendo que para aquilo que se mostra superior às próprias forças humanas, o sujeito tende a evocar as divinas. Não sem razão, Freud (1927/2020) afirma que persistirá durante a vida o desamparo dos seres humanos e seu anseio pelos deuses. E aqui cabe perguntar-se por quais razões as ideias religiosas adquirem força e importância na vida humana, a despeito do reconhecimento de seu caráter ilusório, questão central trabalhada por Freud no texto de 1927, em que as considera como “um novo problema psicológico” (FREUD, 1927/2020, p. 262). A religião, enquanto trabalho de cultura, mostra-se como uma criação humana para fazer frente a um problema tão desconcertante, como é o estado de desamparo.

Assim, Freud (1927/2020), em *O futuro de uma ilusão*, demonstra que a força da ilusão está no desejo infantil de proteção, afigurando-se como defesa contra o desamparo (OLIVEIRA; CECCARELLI, 2019). As relações de cuidado, então estabelecidas com aqueles primeiros seres de amparo na infância, em especial a mãe que alimenta e o pai que protege, serão deslocadas para uma relação mais ampliada na vida adulta, com os deuses, aos quais se teme, mas também de quem se espera amparo e proteção. Ao adulto já é possível compreender que seus pais encontram-se na mesma condição de desamparo, tal qual é a sua, o que produz e reforça referido deslocamento para instâncias mais poderosas do que as humanas.

A ilusão é construída com “material de lembranças relativas ao desamparo da própria infância” (OLIVEIRA; CECCARELLI, 2019, p. 75), sendo a religião considerada por Freud (1927/2020) como “a neurose obsessiva universal da humanidade; como a da criança, ela veio do complexo de Édipo, da relação com o pai” (p. 279). A argumentação freudiana, nesse momento de sua obra, aponta para o fato de que o desamparo infantil é a fonte das ideias religiosas, entendimento que será ampliado mais à frente, no texto *Moisés e o monoteísmo* (1939), ocasião em que a religião se

apresentará para Freud como estrutura de um sintoma, conforme ressaltam Moreira e Pinto (2012, p. 396).

Ainda que se possa observar a crítica tecida por Freud ao apego às religiões, atitude que decorre do lugar do infantil e das demandas de amparo, há que notar que ele mesmo põe à mostra como a pulsão permeia a vida humana, muito antes e para além do que se possa considerar como racional. É aqui que a dita civilização entra em colapso, já que toda construção humana decorre e é impulsionada pelos afetos que atravessam o existir do sujeito no mundo. Não se trata, pois, de simplesmente constatar uma ilusão para em seguida abandoná-la, uma vez que tal ilusão está investida de libido e afeto, movimentando o desejo humano em busca de algo mais. Contexto no qual o desamparo apresenta-se como fonte que impulsiona o homem para além de sua condição de impotência, ainda que isso o leve até soluções provisórias, com contornos fictícios e improváveis.

Por fim, na sequência desta breve análise, cabe trazer à tona um dos textos mais importantes e significativos da obra freudiana, qual seja, *O Mal-Estar na Cultura*, publicado em 1930, que retoma a ideia das renúncias necessárias para se viver na dita cultura civilizada, quando o homem se priva da satisfação pulsional, abrindo mão do prazer e da agressividade em prol do laço social que lhe garante a subsistência.

A renúncia às pulsões mostra-se um esforço incomensurável feito sem quaisquer garantias, pois o mal-estar retorna na busca ilimitada do objeto amado e perdido, que nunca é encontrado por inteiro. O homem mergulha novamente na ilusão de uma civilização que tão somente faz a ele a promessa de livrá-lo de seu desamparo constituidor.

Ao propor a reflexão de que é difícil, senão impraticável, reproduzir a vivência de satisfação diante de incontáveis sacrifícios, especialmente daqueles que limitam a experiência da sexualidade e a expressão da agressividade, Freud (1930[1929]/2020, p. 367) afirma que até mesmo “para o homem pré-histórico as coisas eram, de fato, melhores nesse aspecto, pois ele não conhecia nenhuma restrição à pulsão”. Enquanto ser de cultura, em busca de garantias para encobrir seu desamparo constituidor, o sujeito troca possibilidades da felicidade por uma parcela de segurança (FREUD, 1930[1929]/2020).

No texto de 1930, ao analisar o que acontece com o homem ao tornar sua agressividade inoperante, Freud (1930[1929]/2020, p. 377) descreve como ela é introjetada, interiorizada e “enviada de volta para o lugar de onde veio”, ou seja, retorna ao próprio Eu. Nesse momento, surge, então, a instância moral, que buscará controlar o conteúdo recalçado, denominada por Freud de Supereu, a consciência moral que instituirá a relação do homem com a culpa, a qual integrará os motivos morais que o impulsionarão às relações de cuidado.

O desamparo apresenta-se como razão para esta renúncia pulsional, já que, acaso perca o amor do outro, de quem é dependente, o homem expõe-se a perigos diversos, sobretudo ao perigo desse outro superpotente impor-se a ele através de punições (FREUD, 1930[1929]/2020). Assim, o homem é capaz de renunciar ao prazer da agressão, uma vez que teme a perda do amor.

A agressividade é uma inclinação primária dos seres humanos (FREUD, 1930[1929]/2020), motivo pelo qual, destaca Moreira (2005, p. 292), “o laço social é garantido através da culpa, ou seja, da agressividade modificada a partir do encontro com a verdade do desamparo, que aponta para o outro como fim em si, e não como meio”, possibilitando o reconhecimento da alteridade. Apesar de toda mobilização humana, com seus recursos e métodos civilizatórios, todo o trabalho de cultura, que contraria a natureza humana, revelou-se ineficaz (FREUD, 1930[1929]/2020).

Para Moreira (2005, p. 292), a questão da culpa suscitada por Freud no seu *O Mal-Estar na Cultura* remete ao desamparo como dívida simbólica, essencial para produção do encontro intersubjetivo. Nesse sentido, o sentimento de culpa também deve ser entendido como um fato estruturante na civilização, já que se transforma em dívida simbólica e motivo moral que sustenta as relações de cuidado (MOREIRA, 2005).

A fim de compreender e ampliar a noção de culpa, cabe retomar a construção freudiana sobre o mito do pai primevo, segundo o qual a lei simbólica da proibição do assassinato e do incesto foi instituída (FREUD, 1913[1912-1913]/1996). Essa construção revela que cada sujeito carrega um sentimento de culpa, decorrente da dupla proibição, assassinato e incesto, vivência esta que se opera de forma inconsciente, projetada no outro-alteritário (MOREIRA, 2005).

Freud assevera que o “estado de má consciência”, que funda o sentimento de culpa, “é

claramente apenas medo da perda do amor, medo social” (FREUD, 1930[1929]/2020, p. 379). Assim é que, inicialmente as crianças e, no mais tardar, em repetição, os adultos, “só se permitem, regularmente, realizar o mal que lhes promete conveniências se estiverem seguros de que a autoridade nada saiba sobre isso” (FREUD, 1930 [1929] / 2020, p. 379), eis que seu único medo é o de serem descobertos. Para além da perda do amor, vê-se aqui o medo de se depararem com o próprio desamparo, de se perceberem em uma condição sem ajuda.

Uma vez que o amor é o remédio para o desamparo e sua angústia consequente, o desamparo afigura-se, sob essa ótica, como condição para o surgimento do amor. Ama-se porque o desamparo é o que funda essa possibilidade. Assim como o amor, as demais formas de se fazer laço social, presentes na civilização, buscam apaziguar o sofrimento inerente ao existir na condição de desamparo.

A categoria do mal-estar inscreve-se sempre no campo da subjetividade, revelando-se como matéria prima recorrente e atualizada na produção do sofrimento (BIRMAN, 2019), seja na esfera individual ou coletiva. Para Birman (2019, p. 17), na leitura do texto de 1930, é possível extrair a condição trágica do sujeito no mundo moderno, isso porque a antinomia insuperável entre os pólos da pulsão e da civilização denotam a ausência de soluções consistentes para o impasse, circunscrevendo o mal-estar como forma inafastável de ser e estar no mundo.

## **A experiência de desamparo enquanto limite e possibilidade**

A experiência que nos remete a estas reflexões neste momento histórico, a vivência da pandemia de Covid-19, é da ordem do trauma e daquilo que Lacan denominou como Real (KAUFMANN, 1996, pp. 444-445). O perigo, situado num inimigo invisível e impalpável, pegou de surpresa toda população mundial, ainda sem defesas imunológicas suficientes e sem protocolos terapêuticos seguros (BIRMAN, 2021). Enquanto o terror da morte assolava a humanidade, foram necessárias medidas imediatas de isolamento e distanciamento social, a fim de lidar minimamente com a doença desconhecida.

Fato que indubitavelmente reativou, em muitos casos, o desamparo originário do sujeito, que necessitou apelar às instâncias alteritárias, que poderiam lhe proteger da doença com potencial mortífero (BIRMAN, 2021). Nos países em que a resposta das autoridades instituídas mostrou-se unívoca e confiável, a angústia dos cidadãos pôde ser relativamente apaziguada e estancada por contornos palpáveis e tangíveis (BIRMAN, 2021). Já na experiência brasileira, cujo desgoverno da gestão Jair Bolsonaro promoveu desinformação e dubiedade quanto às descobertas científicas (RODRIGUES, 2022), o que se viu foi a inscrição nos sujeitos do desalento psíquico, transformado em ato com posturas de desespero e desafio diante das medidas sanitárias de restrição (BIRMAN, 2021).

Na leitura de Birman (2021, p. 137), “seja pelo desamparo, seja pelo desalento ou ainda pelo desafio, o que está em pauta para o sujeito nesses diferentes cenários psíquicos possíveis é o terror da morte”. Contexto em que, somente pelo cuidado coletivo foi possível o enfrentamento do risco de morte e de todas as incidências advindas da catástrofe pandêmica, cujo trauma ultrapassou a esfera individual, gerando efeitos sociais significativos. Por certo, este acontecimento desnudou a codependência dos indivíduos no laço social civilizatório, demonstrando que a saída para os dilemas individuais não raramente dá-se através de medidas coletivas, que requerem a renúncia pulsional, conforme se viu no atravessamento da pandemia de Covid-19.

A renúncia pulsional, que permite o convívio em sociedade, busca estabelecer condições possíveis de existência, a despeito de todo mal-estar decorrente dela. Nesse sentido, a experiência de desamparo instaura na vida do sujeito a necessidade de um outro, que ao mesmo tempo em que limita a sua existência, possibilita-a.

É o outro quem marca no sujeito o princípio de realidade, limitador dos excedentes de prazer aflorados nas primeiras vivências de satisfação, como registro de uma vida possível. A partir das construções freudianas, infere-se o estado de desamparo como fato biológico originário, fundante das relações de amor/ódio e codependência entre os indivíduos.

Segundo Birman (2019, p. 39), “o registro psíquico do desamparo é algo de ordem originária,



marcando a subjetividade humana para todo o sempre, de maneira indelével e insofismável”. O reconhecimento da experiência do desamparo é um problema moral com o qual cada sujeito terá que lidar em sua trajetória existencial. E uma vez que o humano é sempre uma construção transitória, as formas de enfrentamento dessa condição angustiante serão diversas ao longo do tempo.

Enquanto dimensão essencial do funcionamento psíquico, “fonte de todos os motivos morais” (FREUD, 1950[1895]/1996, p. 370), é a partir dessa noção mais ampla de desamparo, que Freud toca fundo na ferida narcísica humana. A insignificância frente ao que não pode controlar, dentro e fora de si mesmo, e a impotência, que instaura a dependência mútua, afiguram-se enquanto feridas expostas e sangrentas (BIRMAN, 2019), que requerem contínuo cuidado.

Aqui, será de extrema utilidade a exortação de quem tão bem tratou dessa temática, em especial no texto *O futuro de uma ilusão* (FREUD, 1927/2020, p. 285):

Com certeza o ser humano ficará então em uma situação difícil: terá de admitir o seu completo desamparo, a sua insignificância na engrenagem do mundo, não sendo mais o centro da criação e não mais o objeto do terno cuidado de uma Providência bondosa. Estará na mesma situação que a criança que deixou a casa paterna, que lhe era tão calorosa e confortável. Mas não é verdade que o destino do infantilismo é ser superado? O ser humano não pode permanecer criança eternamente, um dia ele tem de acabar saindo para a ‘vida hostil’. Pode-se chamar isso de ‘educação para a realidade’; será que eu ainda preciso revelar ao senhor que a única intenção de meu escrito é chamar a atenção para a necessidade desse avanço?

Avançar para o reconhecimento de uma possibilidade limitada, ou como leciona Birman (2019, p. 85), pela inscrição em um mundo cheio de possibilidades. A cada passo, o sujeito é confrontado com as impossibilidades que limitam a sua existência, com a sua condição de desamparo, sua castração. Há que construir, senão inventar um lugar de cuidado para essa condição de desamparo e, com isso, possibilitar as múltiplas e mútuas existências.

Lugar de cuidado, de si e do outro, que situa o sujeito em sua impotência constitutiva, abrindo possibilidades para o enlaçamento nas relações de codependência, construídas para além das demandas de amparo, numa dimensão mais ampliada, na partilha de contingências, experiência sem a qual não se pode edificar laços mais inventivos.

## Considerações Finais

A noção de desamparo formulada na obra freudiana permite compreender com mais amplitude e clareza os atravessamentos das experiências de sofrimento do sujeito, desde os primórdios de sua existência. A leitura atenta dos textos selecionados desvela o desamparo como fonte de todos os motivos morais, motivador das primeiras demandas de cuidado do recém-nascido, o qual necessita de um outro, que nele possa inscrever o registro da vida (BIRMAN, 1999). Trata-se, portanto, de demandas que hão de permanecer durante a vida do sujeito, na atualização de seus possíveis e impossíveis, possibilitando o enlaçamento nas relações de codependência, como forma de remediação do desamparo constituidor, conforme o que se vivenciou no atravessamento da pandemia de Covid-19.

É a partir dessa perspectiva que Freud (1930[1929]/2020, p. 321) afirmou como o sofrimento avilta a vida humana a partir de três perspectivas: a do corpo, que “destinado à decadência e à dissolução, não pode nem mesmo prescindir da dor e do medo como sinais de alarme”; a do mundo onde este corpo se situa, estando sujeito às “forças descomunais, implacáveis e destrutivas” que podem se voltar contra ele; e, por fim, a “das relações com outros seres humanos”. Eis o mal-estar na cultura.

Buscando melhor compreender os nomes do mal-estar, que atravessam as experiências de

sofrimento, Dunker (2015) percebe as incompletudes na tradução da palavra alemã *Unbehagen*, utilizada por Freud, a qual se traduz geralmente como *mal-estar*. Dunker (2015, p. 193) afirma que “traduzir *Unbehagen*, quer pela série dos estados corporais (desconforto), quer pela série das vicissitudes do destino (infortúnio), ou ainda pelas variedades morais do sofrimento (descontentamento)” conduziria a parcialidades e perdas semânticas conceituais importantes. Assim, sustenta que “o mal-estar não é apenas uma sensação desagradável ou um destino circunstancial, mas o sentimento existencial de perda do lugar, a experiência real de estar fora do lugar” (DUNKER, 2015, p. 196), situada por Freud como uma sensação intimamente ligada à experiência do mundo, seja na esfera moral ou corpórea, englobando tanto o sofrimento quanto o sintoma.

Cabe dizer que, se no início de seu percurso teórico, Freud vislumbrou uma harmonização possível entre os registros do sujeito e do social, a segunda metade de sua obra foi marcada pela problemática da condição de desamparo da subjetividade no novo espaço social, enquanto leitura trágica da inserção do sujeito na modernidade (BIRMAN, 2019). A partir dessa modificação teórica, Birman (2019, p. 140) conclui que seria necessária uma espécie de “gestão interminável e infinita” do problema, já que o sujeito não pode se deslocar de sua posição originária de desamparo, acrescentando que a irredutibilidade dessa posição não implica necessariamente que o sujeito deva existir “com perturbações do espírito, sejam estas da ordem da neurose, psicose ou perversão” (p. 141), mas que precisa reconhecer a limitação de sua própria condição para construir um trabalho possível.

Considerando também uma mudança teórica no conceito de sublimação, produzida na segunda tópica freudiana, Birman (2019, p. 142) afirma que “o domínio, e não a cura, do desamparo é o que possibilitaria que o sujeito constituísse destinos tanto eróticos quanto sublimatórios para a pulsão”, o que foi denominado por ele de “gestão do desamparo”, que se materializaria na adoção de uma posição ética e política sobre o conflito (BIRMAN, 2019, p. 143).

Como ressalta Safatle (2019), a condição de desamparo também implica no reconhecimento de um estado de impotência, que se situa no agir do sujeito e na ordem simbólica em que ele se inscreve e se referencia, em meio a contingências e experiências de indeterminação, a partir das quais também produzem-se vínculos.

Nesse sentido, importa indagar se a maior contingência de todas a ser absorvida não será a possibilidade de tecer laços decorrentes da mais legítima moralidade que ao humano foi imposta, baseada no dever ético do cuidado, seja porque o sujeito constitui-se deslocado em um mundo sem quaisquer garantias, seja porque esse enlaçamento é o que nele inscreve o registro da vida. Talvez a absorção dessa contingência, ainda mais em tempos pandêmicos, pudesse funcionar enquanto vacina para os modos de vida narcísicos surgidos na pós-modernidade, os quais se revelam defesas inócuas para a condição de desamparo geradora do mal-estar.

Tem-se, por fim, que a gestão do desamparo (BIRMAN, 2019), para além de uma mera administração da condição de impotência, implica no cuidado ético e político do próprio conflito. Frise-se, aqui, que a palavra gestão tem a mesma raiz lexical de gestar, gestação, e pode ser compreendida de forma não restrita aos contextos da administração pública ou privada. Num sentido psicanalítico, ousa-se afirmar que a gestão seria portar em (sobre) si mesmo um fazer. Nobre fazer que se dá pelo reconhecimento de um limite criador de vínculos mais inventivos, possibilitando ao sujeito encontrar um lugar no social, a despeito de todo mal-estar que o habita. Lugar este que permitirá estabelecer relações mais autênticas, permeáveis aos conflitos inevitáveis e dispostas, a mesmo assim, insistir na construção de um impossível que vai se mostrando, a cada tentativa.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 215 p.

BIRMAN, Joel. A dádiva e o outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. *Physis*:

**Revista de Saúde Coletiva**, 9(2), 9-30. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/phys/a/pXDwXPDhghsYwQnyPtW5N8y/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2022.

BIRMAN, Joel. **Mal- Estar na Atualidade: a Psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. 325 p.

BIRMAN, Joel. **O trauma na pandemia do coronavírus. Suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 167 p.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre Muros**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. 413 p.

FONSECA, Maria Carolina Bellico. O objeto da angústia em Freud e Lacan. **Reverso**, 31(57), 39-44. 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952009000100005&lng=pt&tng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000100005&lng=pt&tng=pt). Acesso em: 13 ago. 2022.

FORBES, Jorge. **Inconsciente e Responsabilidade: Psicanálise do século XXI**. 1. ed. São Paulo: Manole, 2012. 240 p.

FORBES, Jorge. Estamos desbussolados. **Instituto de Psicanálise Lacaniana**, São Paulo, 30 out. 2019. Disponível em: <http://www.ipla.com.br/conteudos/artigos/estamos-desbussolados/>. Acesso em: 13 ago. 2022.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia Científica. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, vol. I, 1996. p. 333-400. (Obra original publicada em 1950[1895]).

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIII, 1996. p. 11-163. (Obra original publicada em 1913[1912-13]).

FREUD, Sigmund. Pulsões e Destinos da Pulsão. In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, vol. I, 2004. p. 133-173. (Obra original publicada em 1915).

FREUD, Sigmund. **Inibição, Sintoma e Medo**. Tradução: Renato Zwick. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019. 192 p. (Original publicado em 1926).

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: **Cultura, Sociedade, Religião: O Mal-Estar na Cultura e outros escritos**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 233-293. (Original publicado em 1927).

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In: **Cultura, Sociedade, Religião: O Mal-Estar na Cultura e outros escritos**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 305-405. (Original publicado em 1930[1929]).

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário Comentado do Alemão de Freud**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 62-71.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KLEIN, Thais ; HERZOG, Regina. Inibição, sintoma e medo? Algumas notas sobre a Angst na psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 20(4), 686-704. 2017.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/m3HkFdRLTYnzQLZngps4xbg/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2022.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**: Laplanche e Pontalis. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 552 p.

MINERBO, Marion. Ser e sofrer, hoje. **Ide**, 35(55), 31-42. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 13 ago. 2022.

MOREIRA, Claudia Maria Silva; PINTO, Jeferson Machado. Para além da ilusão: o real na crítica freudiana à religião. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, 15(spe), 389-404. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/ZQfQxHRzGnrCw39S9mh5JHS/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2022.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano “O mal-estar na civilização”. **Estudos de Psicologia (Natal)**, 10(2), 287-294. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/SkZrvYm5kDQr3yd4QtHYcTm/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2022.

NETO, Henrique Torres. Desamparo e Angústia em Inibições, Sintomas e Angústia de Sigmund Freud. 2011. Tese (Mestrado em Filosofia) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

OLIVEIRA, Adriana Aparecida Almeida de; RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira; JUSTO, José Sterza. Desamparo Psíquico Na Contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 13(1), 21-32. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442014000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442014000100003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 13 ago. 2022.

OLIVEIRA, Marianna Tamborindogui. Trauma, repetição e pulsão de morte: negatividade necessária. 2014. Tese (Mestrado em Psicologia) - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, Gessé Duque Ferreira de; CECCARELLI, Paulo Roberto. Entre a Fantasia e a Ilusão: o Desamparo. **POLÊMICA**, 19(2), 071-083. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/47379>. Acesso em: 13 ago. 2022.

ROCHA, Zeferino. Desamparo e Metapsicologia: Para situar o conceito de Desamparo no contexto da Metapsicologia Freudiana. **Síntese - Rev. de Filosofia**, 26(86), 331-346. 1999. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/761/1194>. Acesso em: 13 ago. 2022.

RODRIGUES, Sidarta da Silva. A atualidade do projeto freudiano de 1895. **Transformações em Psicologia (Online)**, 2(2), 100-113. 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-106X2009000200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-106X2009000200006&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 13 ago. 2022.

RODRIGUES, Marta Maria Assumpção. Sobre as pestes, o desamparo e o desgoverno. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental (Online)**, 25(3), 731-751. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/4W4ZBMhTjpL6hqMvYYTpQMp/?lang=pt#>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 358 p.